

OLHARES

Rocha de Sousa

Ana Maria

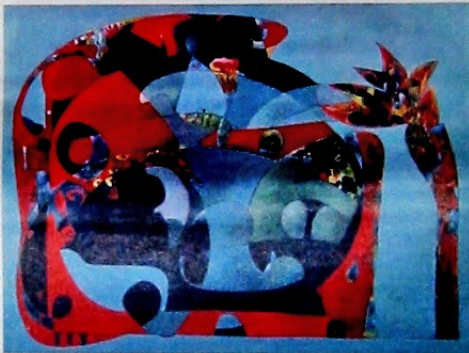
Colorindo os fios que circulam

Diem dela, pintora singuilar e abstrata. Mas não se é disso que se trata. Ana Maria expõe na S. Mamede e intitulada as obras reunidas como «Pintura, Chá e Amor», palavras cujos tipos de associação acabam por ser muito mais indeterminados do que parece, ou aparece no análogo de um livro de brandos contos. O facto da pintora ser licenciada em Filosofia, expondo individualmente desde 1983 e tendo sido distinguida com vários prémios, tudo isso não pode indicar importantes capacidades de Ana para pensar, conceber, escolher temas e assuntos, questionando depois a existência opaca de muitas coisas daí decorrentes, a refigurar os versos e os espaços, por exemplo, mudando os tempos, colorindo os fios que passam, circulando. Em «O Encontro do Chá», não há grande sorte de desalinhamento, mas as árvores tanto podem furar ramos e frutos secos como podem pertencer a áreas de terra onde outras árvores surgem focadas e alinhadas.

E talvez não seja por acaso que numa terceira árvore, com a copa rebaixada e observável de cima, a folhagem se tenha transformado num largo território cartografado ao nível de uma cidade ligível do século XX. O resto, são surpresas assim, um pouco ingenuas mas capazes de nos surpreender através de simbologias devesa forma tratadas. Há mesmo um mapa urbano desenvolvido como nevem, vogando entre o céu e o promontório do limite.

Com transível propriedade, o arquiteto Joaquim Carvalho Mota, autor do texto de apresentação, chama a nossa atenção para este «ambiente de realismo mágico, onde a lei e o desejo, tudo é promessa de felicidade, objeto belo, espirais arco-íris, pertencem a tempestades de adjectivos, libertação da lógica, viagens. As imagens profundas juntam-se aos fantasmas, em melancolia romântica, pelo apelo forte das imagens, pelos apontamentos de sinuosa, ambíguas, difíceis de elucidar».

E assim nos encontramos rodeados de contentamentos, e, como na vida, presos a formas ambíguas, a certas opacidades derivadas daquela melancolia, perplexos perante figuras ou recortes de difícil revelação. A



Ana Maria. O poder do chá

verdade é que, desse modo, muitos pintores foram amplamente rafeis-ades pela sociedade e pela história.

ENGENAÇÃO

MEIO ENROLADA

Célio para a enrocamento meio enrolada sobre si própria, no quadro «O Poder do Chá» e vejo que nos convidado a divagar através do sentido pilar das formas, umas emancipando-se de outras, anteriores, que viviam sob o domínio do ímpeto, recolhidas à proteção cândida da evidência, no doce engano dos registos que separam de perto incompletas aprendizagens da percepção visual. Os fios de cor e os nódulos circulam por dentro de organismos geminados, por vezes lembrando a espiral «A Origem do Chá», por vezes lembrando a gravidade do mundo, entre predominâncias de tonalidades cinzentas e construções ambíguas, pintadas sobretudo no contraste do laranja e do preto.

Releio palavras iguais nas frases de Rogério Ribeiro, pintor de

quem foi amigo e sobre o qual escrevi vários textos de engajamento significativo, vejo como a sua caneta oscilava entre a matéria intencional da forma plástica e a renda das linhas na sua fecundação poética de origem humana. «Ana Maria — disse ele — tem o sentido maior deste caminho numa sublime paisagem [que se aterra, quase etérea] como se de um mundo redimido se tratasse».

E ele ainda lembra, penetrante: «É um trabalho de mania etimológica, de contensão, camuflagem de fragmentos que se alinham e desalinham, que se aproximam e afastam, numa lógica que a pintura sustenta e alimenta. É um trabalho que não procura diluir fronteiras entre elementos — a terra a água [o mar] — aqui assumidos como lugar em simbólicos: a pintura alista, quase letárgica, na tela». São os fios emroscados e coloridos demarcando os territórios de cada viagem.

A ESCRITA DE QUEM PINTA

Releio de Ana Maria e apela. Mas, lendo as suas palavras que nos falam de uma experiência

intangível, de fragilidades, torna-se claro que essa outra poesia vem pensar no passo, é a expressão de quem se interroga e se acha no dia da passagem de todos os passagens, nesse dia ela abriu o mar e descobriu, entre rios de transparência e cor, o levara os todos as coisas belas que o esperavam. Não tinha medo de pintar.

Ana Maria evoca os tempos, tempos de ingenuidade e vida espiritual resistente, de um combate marcado pela tensão e pelo desejo. Olha-se para a planta do chá, o poder dela a ficundar e pacificar visceras, masas orgânicas enroladas sobre si mesmas, e vemos-nos enlaçados naquelas circularidades, bobas e pobiços, deslizando também entre os laranjas e os cinzentos, passando da vida alçada (mas bela) para os espaços cinzentos, cinzentos aliada suaves, lugares da pacificação possível. São estes cinco de engenho que Ana Maria comprou ou reteu com a sua escrita. Ela não disse porque se habituou a viver as vezes do presente, descobriu que essa possível percorrer tempo diplo-

rentes pelos mesmos lugares, como se cada resultado fosse uma ponte, cada linha mudasse uma história, ou como se os desenhos fossem poemas de ideias para cada limite.

Esta viagem de Ana Maria pela vida e pela sua pintura vai decorrer sob o mesmo olhar, nos quadros e nos desenhos e o que vemos terá de ser mudado, como eu próprio mudei a forma das frases citadas, para que tudo caiba na experiência que nos pertence e que filtra pela percepção e pelas emoções os sinais emergidos daqueles mundos paralelos.

Também fazemos e destaremos as partes de cada discurso, conferindo-lhes outra circulação, a encoda na decida».

O testemunho escrito de Ana Maria parece riscado sobre o papel transparente, capaz de posar de forma ajustada e justificada sobre as linhas coloridas da pintura. Aqui faremos um pouco uma espécie de exercício [para melhor perceber esta maneira de criar] e vimos plantas e bichos, circularidades, labirintos que nos impeliam para o interior de nós mesmos, através de trajetos nos enleões

“
Ana Maria evoca os tempos, tempos de ingenuidade e vida espiritual resistente, de um combate marcado pela tensão e pelo desejo

de serpentes, de ligar em lugar na centralidade, até ao útero de todas as fundações, escuro, cinzento, azulado, contrariando o método das semelhanças com a natureza — talvez numa transferência entre o mundo carnívoro e a frescura interior da grande flora que nos permite respirar. Este apontamento refere, de forma subjetiva, a minha própria viagem pelo espaço dos caminhos em «A Origem do Chá».

Terminemos então com algumas indagações questões levantadas pela artista. Será a arte o fazer das árvores com brotos? Os homens floridos? Das histórias que surgem da distância para ligar as coisas, como se o mundo fosse um poema?

O chá parece estar prestes a ser servido. ■

“
“Vivam, crianças felizes, de um lado da Ana Maria, por um lado, e do outro, sempre a Ana Maria, por um lado, e do outro, sempre a Ana Maria.”

* Ana Maria

Caneta e aquarela, telas e fotografias. 1983-2010. Galeria de Arte Moderna, Rua de São João, 100. Lisboa, 100-0000. Tel: 213 62 30 00. Ana Maria, 1983-2010.